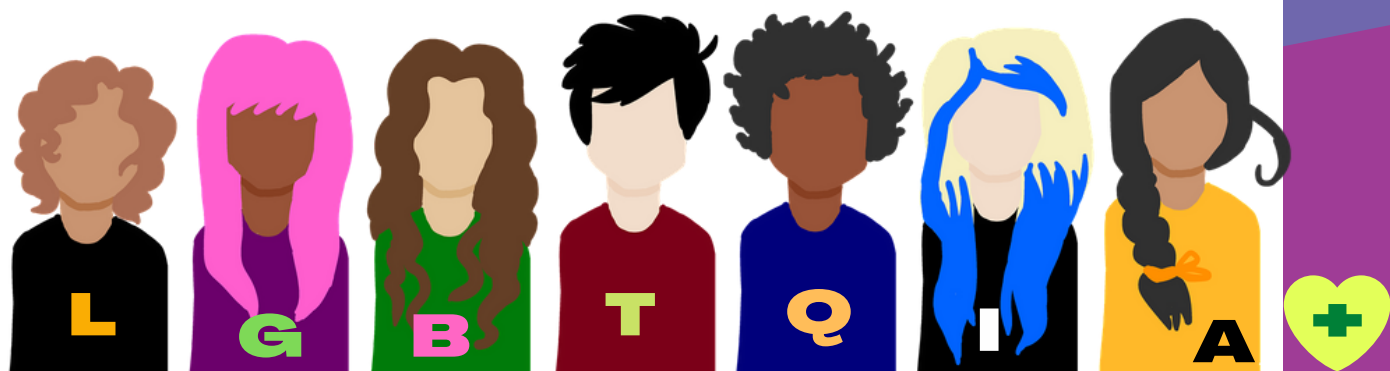


Pensando sobre a Diversidade Sexual

Orientações para quem educa



Pensando sobre a Diversidade Sexual

Orientações para quem educa



Pensando sobre a Diversidade Sexual - orientações para quem educa

Edição: Caio Brandão, servidor do Instituto Federal do Piauí, campus Valença.

A474p Alves, Thyanne Michelle Ferreira
Pensando sobre a Diversidade Sexual - orientações para quem educa/
Thyanne Michelle Ferreira Alves. – 2021.

24 f. : il.

Produto final da Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) -
Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Juazeiro, 2021.

Orientador: Fulvio Torres Flores

Colaboradores: Ana Risélia Sousa Ferreira; Itamar Soares Oliveira;
Natalia Serafim da Silva.

1. Diversidade Sexual. 2. Ensino. 3. Docentes. I. Título

CDD – 306.76

Ficha catalográfica: Josué de Moura Costa (Bibliotecário) – CRB3/1130

APRESENTAÇÃO



Este documento foi proposto a partir da pesquisa realizada na Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), como produto final para obtenção do título de mestre. Este estudo teve como público-alvo docentes das Unidades Escolares Municipais Joaquim Horácio Ribeiro (povoado Novo Horizonte) e Inocêncio Pereira de Carvalho (povoado Pé do Morro), localizadas na zona rural do município de São Raimundo Nonato-PI.

Para elaboração deste material contou-se com a colaboração dos seguintes profissionais: Ana Riselia Sousa Ferreira - Assistente Social e Itamar Soares Oliveira - Pedagogo, ambos da UNIVASF, campus Serra da Capivara e Natália Serafim da Silva - Psicóloga da Universidade Federal do Pará (UFPA). Além do apoio informacional do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI/UNIVASF).

A cartilha *Pensando sobre a Diversidade Sexual - orientações para quem educa* é um instrumento direcionado às práticas docentes, com informações e esclarecimentos sobre assuntos relacionados ao público sexualmente diverso das escolas. Este material também poderá ser utilizado pelos demais profissionais que atuam no espaço escolar, para obtenção de conhecimentos e uso adequado de alguns termos para as atividades e convívios no âmbito educacional.

O objetivo é disponibilizar um melhor entendimento e/ou conhecimentos sobre a diversidade sexual, bem como apresentar conceitos básicos para uma comunicação clara e compreensiva sobre o assunto abordado, no intuito de ressaltar a importância da escola no processo de construção dos saberes, bem como contribuição para que haja uma relação harmoniosa e respeitosa com os diversos públicos que possam existir no ambiente de aprendizagem.

Para a disponibilização deste material informacional foram desenvolvidas várias etapas de elaboração, sempre primando por conteúdos que pudessem oferecer as pessoas que consultassem esta cartilha conhecimentos capazes de contribuir para as interações sociais no convívio escolar. Neste sentido, foi adotada na escrita dos textos a gramática normativa, mas buscando-se sempre o uso de uma linguagem acolhedora e que pudesse contemplar os variados públicos leitores do material, ou seja, não foi utilizada a neutralização de gênero por meio do “Sistema Ite”, mas houve um cuidado com a linguagem.

É necessária a implementação, no currículo escolar, de uma educação sexual voltada para novos debates e concepções sobre a sexualidade, bem como para contribuir com o desenvolvimento de uma consciência crítica das ações na sociedade no que se refere às relações sexuais e afetivas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental contemplam temáticas sociais do cotidiano como a orientação sexual. Da prática da docência busca-se a transmissão de conhecimentos embasados em conceitos que não se limitem a informações preventivas aos discentes. Desta forma, é preciso que se estabeleçam discussões sobre sexualidade, discriminações, preconceitos, valores, atitudes e comportamentos, além do respeito e o reconhecimento a diversidade sexual presente no meio escolar.

Nesta perspectiva, ressalta-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do qual destaca-se dentre as competências gerais da Educação Básica para o pleno exercício da cidadania dos/as estudantes, bem como do desenvolvimento de capacidades e no estabelecimento de atitudes e valores, a prática da empatia. Além do respeito mútuo e aos direitos humanos, através do acolhimento e reconhecimento da diversidade humana nos aspectos sociais e culturais, isentos de preconceitos.

SUMÁRIO



I. O universo das múltiplas sexualidades

II. Afinal, o que é...?

Identidade de gênero

Expressão de gênero

Sexo biológico

Orientação sexual

III. Pelo uso de expressões plurais

IV. O que são as práticas discriminatórias?

V. O nome social

VI. Educação para a Diversidade

VII. Como pode ser trabalhada a diversidade sexual na escola?

VIII. Referências

IX. Informações úteis



I. O universo das múltiplas sexualidades



As variadas formas de relações afetivas e sexuais existentes em nosso contexto social fazem parte de um histórico de lutas sobre as múltiplas formas de sexualidade. São movimentos de afirmação da identidade dos sujeitos que não se adequam aos padrões heterossexuais. Existe um conjunto de letras e siglas que expressam a pluralidade da diversidade sexual.

Dentre tantas designações adotadas utilizaremos LGBTQIA+, pois esta sigla abrange os indivíduos que se reconhecem Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (travestis e transexuais), Queer, Intersexuais, Agêneros e Assexuados. O indicativo do sinal de mais (+) é para integrar outras identidades/expressões de gênero e orientações sexuais como os pansexuais, dentre outros. A seguir, tem-se alguns conceitos sobre a população LGBTQIA+.

Lésbicas

São pessoas que se reconhecem pertencentes ao gênero feminino e estabelecem relações afetivas e/ou sexuais com pessoas que são autodesignadas femininas.

Gays

São pessoas que se reconhecem pertencentes ao gênero masculino e estabelecem relações afetivas e/ou sexuais com pessoas que são autodesignadas masculinas.

Bissexuais

São indivíduos que se relacionam afetivamente e/ou sexualmente com ambos os sexos (masculino/feminino).

Transgêneros

Termo utilizado para designar as pessoas pertencentes às categorias gênero-divergentes, daquelas que se enquadram no binômio masculino-feminino (determinado aos indivíduos no nascimento). Por definição, o termo transgênero

abrange os indivíduos transexuais (TS), travestis (TV), *crossdressers* (CD), *dragqueens* (DQ), andróginos e transformistas (LANZ, 2014).

Queer

A palavra *queer* tem sua origem na língua inglesa e pode ser traduzida como estranho ou esquisito. Os grupos denominados *queer* posicionam-se contra as variadas condutas/normas presentes na sociedade (LOURO, 2001). A representatividade deste termo ultrapassa os desígnios de especificar um determinado grupo e amplia-se para as discussões no campo teórico.

Intersexuais

Este termo surge na medicina e é utilizado nos grupos de ativistas para denominar os indivíduos cujos corpos não se ajustam ao que compreendemos como corpos femininos ou masculinos (PINO, 2007).

Agêneros

São pessoas que não se consideram pertencentes a nenhuma categoria ou classificação de gênero (LANZ, 2014).

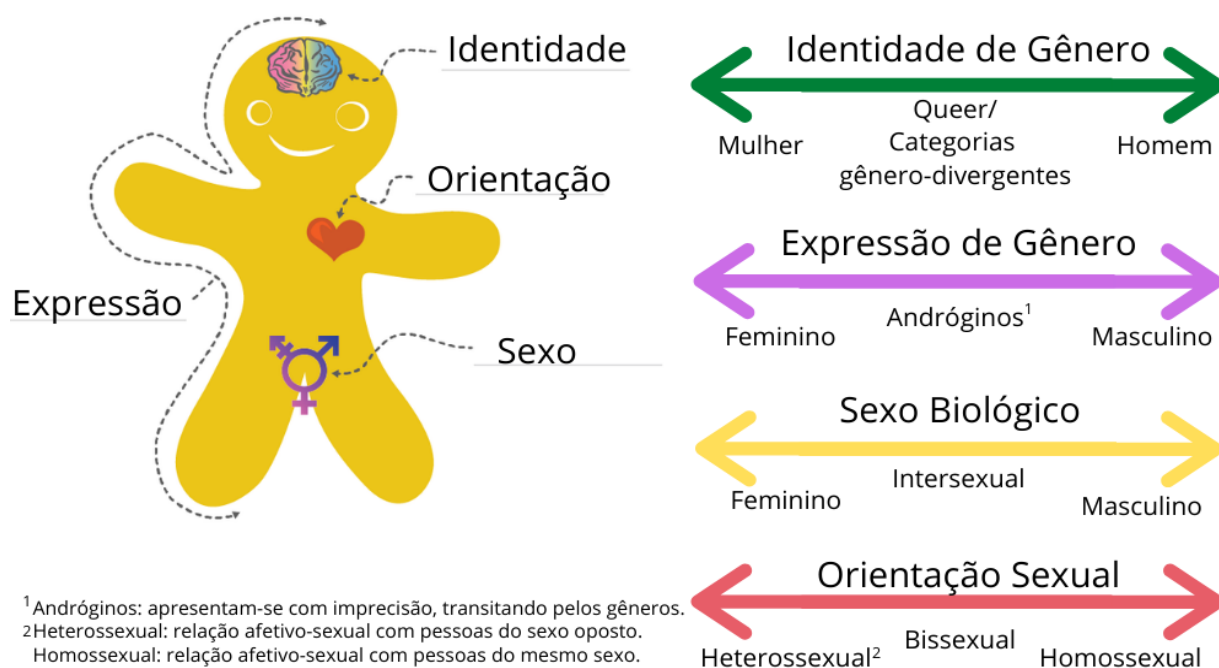
Assexuados

Indivíduos que não têm atração por outras pessoas de qualquer gênero.

II. Afinal, o que é...?

Ao tratarmos da sexualidade podemos considerar que os indivíduos se manifestam de diversas maneiras para sentir e expressar suas emoções. Este universo contempla categorias conceituais como a **identidade de gênero** (a autopercepção do gênero que a pessoa se identifica), a **expressão de gênero** (a maneira como as pessoas se apresentam publicamente pelo modo de agir, as vestimentas, os hábitos e na interação social), o **sexo biológico** (que corresponde aos órgãos, hormônios e cromossomos dos corpos sexuados) e a **orientação sexual** (que é referente à atração física ou afetiva por outra pessoa) (KILLERMANN, 2017; LANZ, 2014).

Vale ressaltar que a identidade e a expressão gênero, bem como o sexo biológico e a orientação sexual, não são dependentes uns dos outros para ocorrer. Já a definição do termo diversidade sexual abrange diferentes orientações sexuais e identidades de gênero (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009).



Fonte: adaptado e traduzido de Genderbread Person - autor Sam Killermann.

III. Pelo uso de expressões plurais



A escola inclusiva é aquela que acolhe todos os indivíduos, que além de trabalhar os conhecimentos técnicos e científicos propõe-se a disseminar valores, convicções e atitudes de respeito e tolerância no espaço escolar e na sociedade em geral. Desta forma, os caminhos da educação inclusiva contemplam a equidade entre as pessoas, o reconhecimento e a valorização da pluralidade para se construir uma sociedade cada vez mais justa e livre de preconceitos.

O respeito à diversidade sexual começa com o conhecimento e a desmistificação dos conceitos que envolvem o âmbito da sexualidade, antes de emitirmos juízos de valor preconcebidos. Além disto, destaca-se a importância de se estabelecer no convívio educacional uma comunicação inclusiva e harmoniosa com os diversos públicos que formam a comunidade escolar, pois a linguagem acaba moldando o ato de pensar e pode induzir condutas e ações (REIS, 2018).

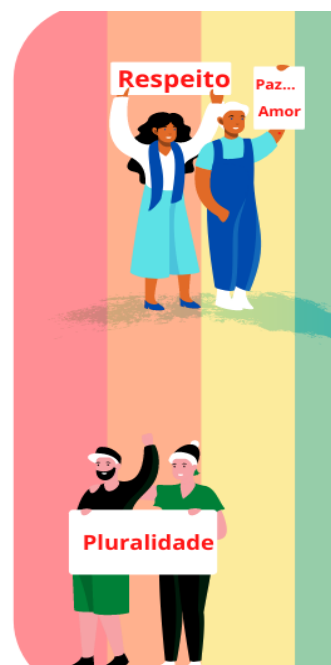
Para as interações sociais na escola a linguagem pode se tornar uma ferramenta contra a discriminação. Quando utilizamos de forma atenciosa e assertiva as palavras para se referir a um determinado grupo ou indivíduos, estamos rompendo com o preconceito e lutando pela dignidade e respeito às diferenças.

Evite usar...

- ⊗ Opção Sexual
- ⊗ Homossexualismo
- ⊗ Hermafrodita
- ⊗ Parada Gay
- ⊗ O travesti

USE


- ☑ Orientação Sexual
- ☑ Homossexualidade
- ☑ Intersexual
- ☑ Parada LGBTQIA+
- ☑ A travesti
(indivíduo com identidade de gênero feminino)



Fonte: adaptado do Manual de Comunicação LGBTI+.


Na língua portuguesa utiliza-se o masculino genérico para contemplar a todos os indivíduos em uma determinada situação, ou seja, ele é usado em um dado momento em que envolve mais de uma pessoa e se quer generalizar, desconsiderando-se o gênero feminino desde que possua pelo menos uma pessoa do gênero social masculino. (VISCARDI, 2020). Por exemplo, o professor entra na sala de aula na qual estão meninos e meninas e diz: Bom dia a todos!

Vale ressaltar que é usual também as formas masculinas e femininas no lugar do masculino genérico. (ex. prezadas alunas e prezados alunos...). A inclusão das diferenças sexuais nas relações sociais e no cotidiano da sociedade apresenta o campo das comunicações, por meio da linguagem, como local propício para se exercer interações não discriminatórias através da utilização de termos neutros.



Linguagem acolhedora da diversidade

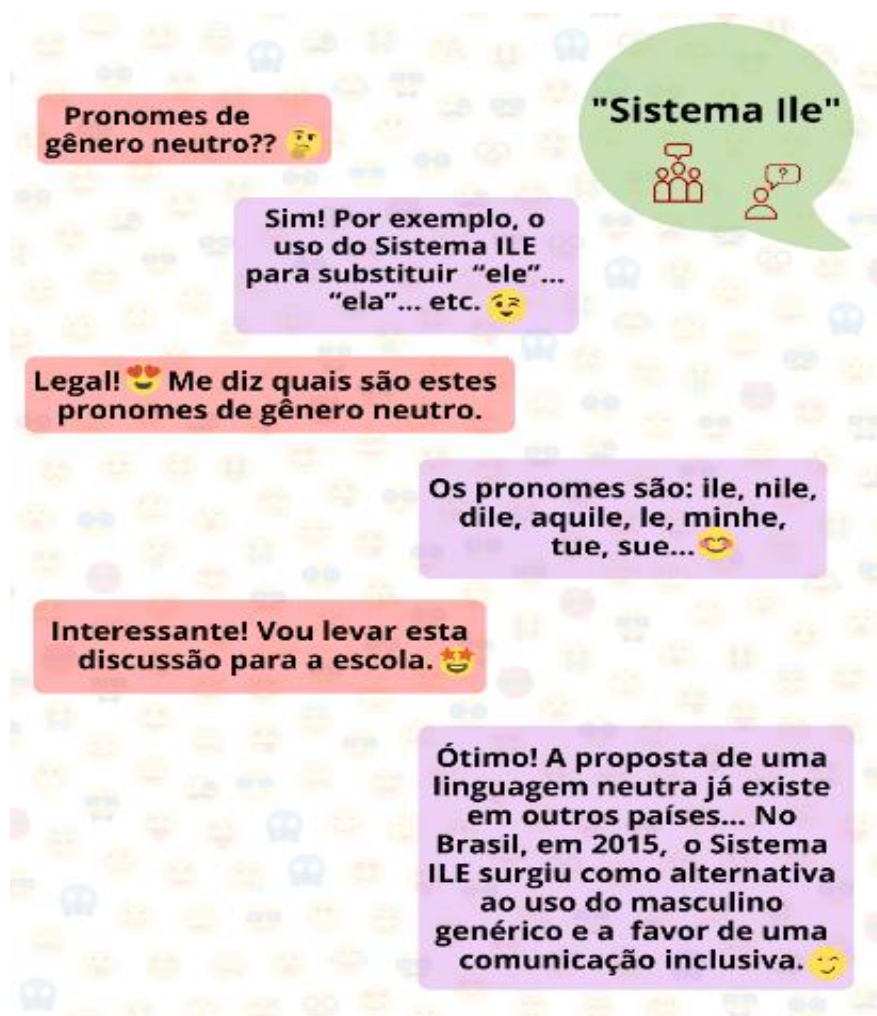
| | |
|------------------------|--|
| O diretor/os diretores | A Direção |
| O coordenador | A coordenação |
| Os professores | O pessoal docente/ professorado/ corpo docente |
| Alunos | Estudantes/ alunado |
| Os jovens | A juventude |
| Os meninos | As crianças / A infância |
| Bom dia a todos | Bom dia pessoal/gente |



Fonte: elaborado com base nos documentos: Comunicação Inclusiva no Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia (SGC) e no Manual para o uso não sexista da linguagem.

O gênero neutro é uma possibilidade de incluir a diversidade sexual nos discursos por estar associado com a identidade de gênero, sem limitar-se aos gêneros masculinos e femininos determinados pela gramática normativa. Apesar de não estar presente na norma culta no Brasil, a utilização do gênero neutro é encontrado nas mídias sociais, universidades, escolas e comunidades diversas que fazem uso desta forma de expressão na língua.

Para Schwindt (2020) a neutralidade é atribuída ao “e” podendo ser representada como marca genérica para o feminino e masculino (ex. *todes, cansade e querides*), bem como marca indicativa de um terceiro gênero (ex. Boa tarde amigas, amigos e *amigues*). Além destes usos na linguagem oral, tem-se na escrita o uso neutro de gênero na aplicação de “x” e “@”. Estes últimos casos não são recomendados, como por exemplo, o símbolo “x” não é reconhecido nas tecnologias assistivas, ou seja, nos programas de leitura de texto e tela.



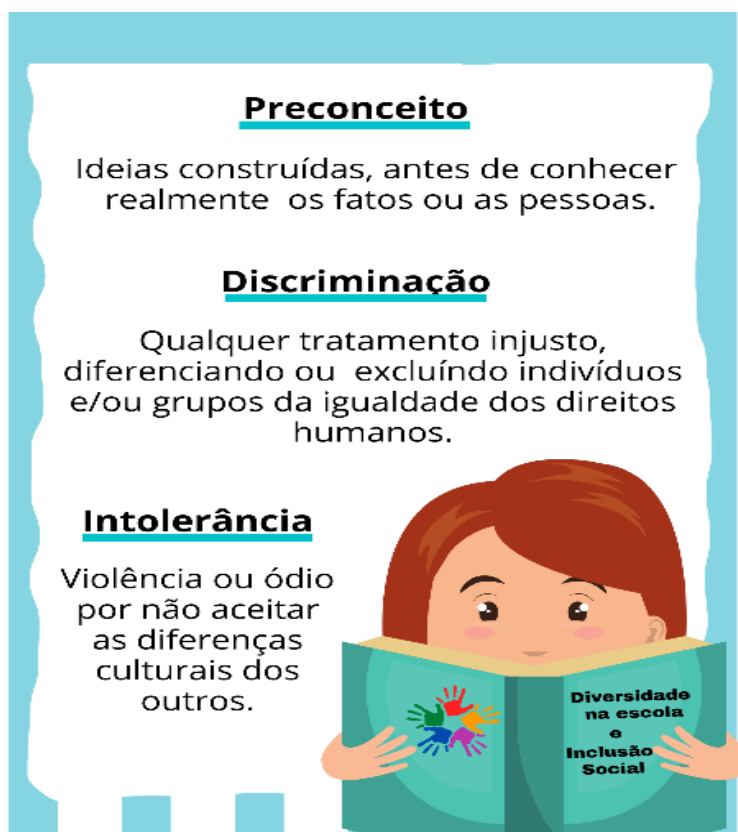
Fonte: elaborado com base no site Diversity Bbox – consultoria de diversidade.

IV. O que são as práticas discriminatórias?



O preconceito, a discriminação e a intolerância contra as minorias sexuais são fatores que impedem o exercício da igualdade na sociedade. Para Madureira e Abreu Branco (2012) as práticas discriminatórias são mantidas por ideias predefinidas. Deste modo, a discriminação equivale ao preconceito em prática, ou seja, do pensar ao agir. Estas ações violam os direitos humanos e sexuais, pois se contrapõem à construção da equidade social, além de proporcionar o aumento da desigualdade e limitações às liberdades fundamentais.

Assim, a função atribuída aos docentes que pretendem trabalhar com uma educação para a diversidade em sala de aula deve conter responsabilidades com o conteúdo transmitido, o compromisso e o respeito à pluralidade sexual, bem como a atribuição de isentar-se de preconceitos e discriminações que possam dificultar a comunicação com os/as discentes. O papel da escola é atentar-se às formas sutis de discriminação e preconceito às diferenças sexuais a fim de eliminá-las, além de envolver a comunidade escolar no processo de reconhecimento e respeito à diversidade sexual nos ambientes de aprendizagem.

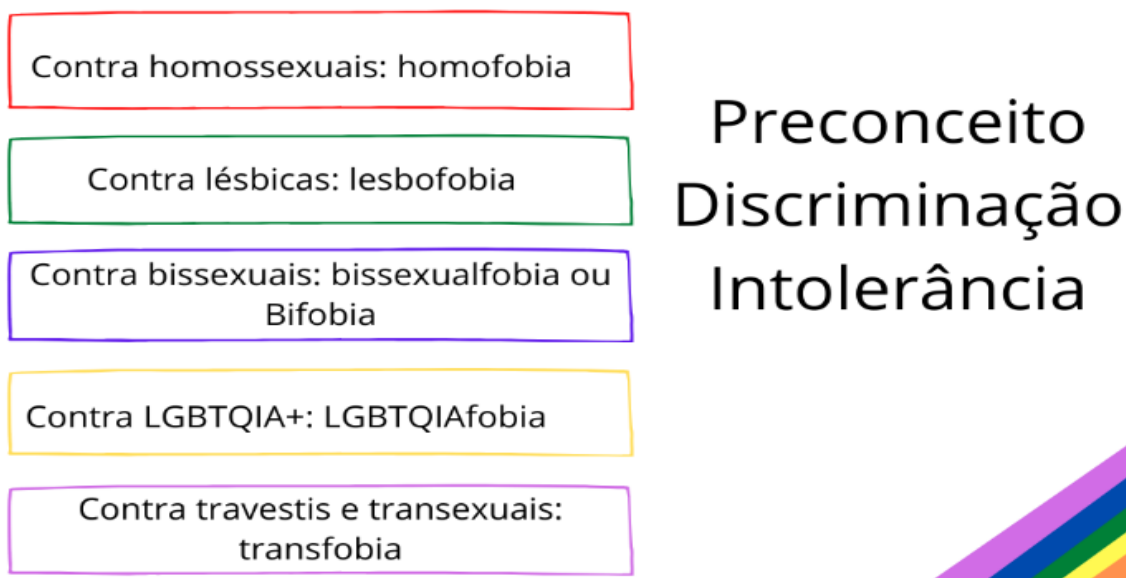


Fonte: elaborado pelo autor.

A Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, estabelece no Brasil o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Esta Lei nos mostra a relevância de se discutir com a comunidade escolar a prevenção, conscientização e o enfrentamento a todos os tipos de violência no âmbito educacional. Assim, se faz necessária no meio escolar a realização de campanhas educativas para a promoção da cidadania, habilidades empáticas, tolerância e respeito mútuo.


No intuito de se efetivar a harmonia no ambiente de aprendizagem, ressalta-se que o processo de inclusão das diferenças sexuais perpassa pela compreensão da existência do bullying aos jovens sexualmente diversos e da importância de se combater qualquer tipo de violência a estes públicos nas escolas. Desta forma, Martins *et al.* (2019) acentuam a presença do bullying homofóbico nos ambientes de aprendizagem e a necessidade de eliminar as agressões provocadas neste âmbito para garantir o respeito a todas as sexualidades.


Enfatiza-se que comportamentos e atitudes que contribuem para a discriminação devem ser combatidos e reparados. A seguir, alguns exemplos de práticas discriminatórias que não devem ser transmitidas na sociedade.





Fonte: elaborado pelo autor.

No âmbito educacional, podemos mencionar alguns exemplos de práticas discriminatórias aos direitos sexuais:

 Recusa de acesso ao ensino ou à educação formal.

 Desconsiderar a utilização do nome social.

 Restrições aos espaços de uso coletivo de acordo com o gênero de identificação das pessoas.

 Violência física e/ou psicológica em razão da orientação sexual e/ou identidade de gênero.



Fonte: elaborado pelo autor.

V. O nome social

O nome social é o prenome utilizado pelo indivíduo que equivale à maneira como este se identifica no meio social e prefere ser chamado, mas que pode não constar no registro civil. No parecer nº 14/2017 do Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno (CNE/CP) do Ministério da Educação, a respeito das restrições do uso do nome social aos menores de 18 anos, nas escolas, ressaltou-se que esta ação não contribui para o desempenho educacional e social destes indivíduos, pois existe um aumento da violência e da evasão escolar em decorrência do bullying, preconceitos e discriminações. Estas agressões podem ser reduzidas com a adesão do uso do nome social e o respeito à identidade de gênero de discentes sexualmente diversos.

Outro assunto relevante a ser mencionado é sobre a utilização dos banheiros da escola por estudantes travestis e transexuais. A este respeito, Alves e Moreira (2015) trazem a discussão da destinação de um terceiro banheiro a discentes travestis e transexuais e ressalta que esta atitude pode provocar outras maneiras de exclusão no que se refere ao âmbito da sexualidade. Por outro viés, tem-se a perspectiva de uma expansão do espectro de gênero. Vale ressaltar que esta questão deve ser tratada de forma inclusiva com a comunidade escolar, para que se prevaleça o princípio da equidade e do respeito ao público que frequenta o espaço escolar.

| Resolução nº 1, de 19 de janeiro de 2018 Ministério da Educação | Instrução Normativa SUEB nº 002/2019 Governo do Piauí |
|---|---|
| <p>Art. 2º Fica instituída, por meio da presente Resolução, a possibilidade de uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica.</p> <p>[...]</p> <p>Art. 4º Alunos menores de 18 (dezoito) anos podem solicitar o uso do nome social durante a matrícula ou a qualquer momento, por meio de seus representantes legais, em conformidade com o disposto no artigo 1.690 do Código Civil e no Estatuto da Criança e do Adolescente.</p> <p>[...]</p> | <p>1- Respeitar o nome social do travesti ou transexual, evitando, no trato social, a utilização do respectivo nome civil, caso o mesmo queira e seja requerido;</p> <p>2- Garantir o respeito à identidade de gênero, evitando casos de bullying e evasão escolar decorrentes de preconceito;</p> <p>[...]</p> <p>Frise-se que o Nome social será utilizado no diário de classe, nas listas de presença e nas situações de trato social e que toda e qualquer documentação expedida pela escola deverá conter o nome constante nos Documentos Oficiais do aluno.</p> |

Fonte: elaborado com base na Resolução do Ministério da Educação e Instrução Normativa do Governo do Piauí.

A utilização do nome social na escola



Fonte: elaborado com base na entrevista com o Prof. Fernando Seffner (2018) ao Território Escolar.

O uso do banheiro na escola por estudantes travestis e transexuais



Fonte: elaborado com base no artigo de Alves e Moreira (2015).

VI. Educação para a Diversidade



A construção da educação para a diversidade é um processo que envolve toda a instituição de ensino para se conquistar um ambiente harmonioso, que valorize a pluralidade, além de ser democrático e inclusivo. Para Seffner (2009) ao planejar a organização de atividades que colaborem para assegurar a efetividade da inclusão da temática diversidade sexual nas escolas e do acolhimento e continuidade dos públicos sexualmente diversos, nestes espaços, é preciso atentar-se para algumas questões como as descritas a seguir.

É preciso que os/as docentes tenham material pedagógico apropriado, participem de capacitações e atividades, bem como adquiram conhecimentos com outros profissionais em eventos que abordem os temas da sexualidade.

Deve-se incentivar o diálogo entre os/as estudantes sobre as múltiplas formas de vivência da sexualidade para se consolidar o reconhecimento e respeito às diferenças.

A inserção da proposta da diversidade sexual e os assuntos correlacionados com este tema devem ser oficializados nos documentos da instituição, a exemplo do PPP.

A escola deve designar docentes dispostos/as para trabalhar o âmbito da diversidade sexual com os/as jovens.

Precisa-se considerar que a instituição educacional é um ambiente público e isento de posicionamentos e preceitos religiosos sobre a sexualidade.

A temática da diversidade sexual pode ser discutida por meio de atividades planejadas de forma conjunta com variadas disciplinas, ações em espaços como a biblioteca ou em alusão a datas comemorativas.

Fonte: elaborado com base no trabalho de Seffner (2009).

VII. Como pode ser trabalhada a diversidade sexual na escola?



O tema transversal orientação sexual, apresentado nos PCNs, propõe às escolas ações a serem elaboradas para que cada estudante seja capaz de desenvolver valores e atitudes ao término do ensino fundamental. Esta temática busca educar a juventude para a formação consciente dos seus atos no meio social no que tange às relações sexuais e afetivas.

A orientação sexual quando incluída no projeto educativo das escolas possibilita um diálogo que não se limita aos conhecimentos físico-anatômicos do corpo, mas uma abordagem de diversos temas que possam contribuir no processo educacional e sexual da juventude. Ao corpo docente é concedida a atribuição de esclarecer, informar ou orientar discentes sobre valores e práticas para a convivência social, buscando aperfeiçoar conhecimentos e se dispor a assumir o papel de educador/a sexual.

No intuito de adotar ferramentas para conduzir as práticas de ensino, Figueiró (2009) propõe estratégias aos profissionais da educação para lecionarem sobre a sexualidade e o respeito à diversidade sexual, a fim de facilitar a interação entre docentes e discentes. Dentre as metodologias apresentadas pela autora para serem realizadas durante as atividades referentes à educação sexual (termo análogo a orientação sexual), podemos destacar:

 Figueiró (2009):

1. Ao trabalhar um determinado assunto, iniciar com as dúvidas que os/as jovens têm e os conhecimentos prévios sobre o assunto;
2. Realização de aula expositivo-dialogada ou participativa;
3. “Debate aberto”, ou seja, diálogo e troca de ideias;
4. Dramatização (teatro/encenação de fatos do cotidiano sobre sexualidade);
5. Dinâmicas com as turmas de alunos;
6. Atividades com a elaboração de desenhos;
7. Oficinas com o uso da modelagem (ex. escultura);
8. Construção de cartazes com o uso de gravuras (recortes e colagem);
9. Propostas com recursos audiovisuais: filmes e episódios de telenovelas;
10. Trabalhos com obras literárias, poesias e letras de músicas;
11. Notícias/artigos de revistas e jornais ou pesquisas em geral;
12. Entrevistar familiares sobre relacionamentos;
13. Explorar determinado assunto aplicando aos discentes um “questionário”.

Fonte: elaborado com base no trabalho de Figueiró (2009).

VIII. Referências



ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 59-69, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/53vwfa8p>

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 6 nov. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/76w85rsx>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº: 14/2017. Normatização nacional sobre o uso do nome social na educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 33, p. 10, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/4k6hwe67>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 19 de janeiro de 2018. Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 17, 22 jan. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/3r6nj5fj>.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e Diversidade Sexual**. Um Glossário. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario>.

COMUNICAÇÃO INCLUSIVA NO SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA (SGC). União Europeia, 2018. Disponível em: http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/pt_brochure-inclusive-communication-in-the-gsc.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021

DIVERSITY BBOX – CONSULTORIA DE DIVERSIDADE. **Um guia para promover a linguagem inclusiva em português**. [S.], [entre 2015 e 2021]. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inclusiva-em-portugues/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/fbny3chs>.

KILLERMANN, Sam. **Breaking through the binary**: gender explained using continuums. Austin, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/yrkzb4ur>

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em

Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/83cncpy8>.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://tinyurl.com/hjk4mwkr>.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; ABREU BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de. As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. *In*: ABREU BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. (Orgs.). **Diversidade e cultura da paz na escola**: contribuições da perspectiva sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 125-155

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires; FIGUEIREDO, Luciano Silva; ARAGÃO, Janaína Alvarenga; SANTOS, Lays Gonçalves; SOUSA, Evandro Alberto de. Sexualidades e Bullying Homofóbico na Escola. **Intersaberes**. [S.l.], v. 14, n. 32, p. 445-472, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/s92dsrba>.

PIAUÍ. Secretaria de Estado da Educação. **Instrução Normativa SUEB nº 002/2019**. Orientações para o cumprimento do Decreto nº 14.602 de 10/10/2011 e, leis correlatas, no âmbito da SEDUC/PI. Teresina, 10 out. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/57n6dr9y>.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/3enhypra>.

REIS, Toni. (Org). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2 ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/j3kmmxdn>

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da Abralin**, Sergipe, v. 19, n. 1, p. 1-23, nov. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>. Acesso em: 17 jun. 2021

SEFFNER, Fernando. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 125-139. Disponível em: <https://tinyurl.com/h8zfcntz>.

SEFFNER, Fernando. Nome social na escola: por que é necessário?. [Entrevista cedida a] João Paulo Buchholz e Otavio Klein Travi no **Canal Território Escolar**. [S.l.], 21 out. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/m5pj7h3v>

TOLEDO, Leslie Campaner de; ROCHA, Maria Anita Kieling da; DERMMAM, Marina Ramos; DAMIN, Marzie Rita Alves; PACHECO, Mauren. **Manual para o uso não sexista da linguagem** - O que bem se diz bem se entende. Rio Grande do Sul:

Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. Disponível em:
http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/manual_para_uso_nao_sexista_da_linguagem.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021

VISCARDI, Jana. Discussões sobre Masculino Genérico. São Paulo, 2020, vídeo (14min26s). Publicado pelo Canal **Papo de Linguista**. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=VdZSXSUY_qc&t=4s&ab_channel=JanaViscardi. Acesso em 19 jun. 2021

IX. Informações úteis



🕒 Datas comemorativas – população LGBTQIA+



Fonte: elaborado pelo autor.

📍 Sites que abordam a Diversidade Sexual

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT)

<https://www.abglit.org/>

Canal do youtube - Mary Neide Figueiró

<https://www.youtube.com/c/MaryNeideFigueir%C3%B3/featured>

Grupo Dignidade

<https://www.grupodignidade.org.br/>

Grupo Gay da Bahia

<https://grupogaydabahia.com.br/>

Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX)

<https://www.ibdsex.org.br/sobre/>

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (LEPEDI)

<https://lepedi-ufrrj.com.br/>

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED)
<https://www.leped.fe.unicamp.br/>

Portal sobre Educação Sexual – Dra^a Mary Neide Figueiró
<https://www.maryneidefigueiro.com.br/>

Materiais para consulta

Cartilha - Entendo a diversidade sexual
http://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf

Conhecendo para prevenir: Bullying e Cyberbullying
https://www.nethicsedu.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Cartilha-Bullying-_-tela-_-media-1.pdf

Guia para educadores (as) – Educando para a Diversidade: como discutir homossexualidade na escola?
https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2021/03/guia_educando.pdf

Manual de Comunicação LGBT
<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>

Projeto Diversidade Sexual na Escola
https://conteudo.una.br/images_anima/pdf/nuh_Educacao_UFRJ_Livro.pdf

Um guia para promover a linguagem inclusiva em português
<https://diversitybbox.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inclusiva-em-portugues/>

O "X" da questão: gênero na escrita
<https://www.youtube.com/watch?v=kVnGVyBny-s>

8 Polêmicas sobre gênero neutro na língua
https://www.youtube.com/watch?v=TMNBbsV8LKc&ab_channel=JanaViscardi

Linhas Cruzadas - Linguagem Louca
https://www.youtube.com/watch?v=9YX562YnVOQ&ab_channel=JornalismoTVCultura
raJornalismoTVCultura

Manual para o uso não sexista da linguagem - O que bem se diz bem se entende
http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/manual_para_uso_nao_sexista_da_linguagem.pdf

Comunicação inclusiva

http://www.ssexbbo.com/wp-content/uploads/2019/02/pt_brochure-inclusive-communication-in-the-gsc.pdf

Dra. Mary Neide Figueiró - Série “Estratégias de Ensino em Educação Sexual”

<https://www.youtube.com/watch?v=XARpHemwEhM>

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)

<https://abiaids.org.br/>

● Algumas discussões sobre o universo da sexualidade

CADERNO GLOBO 12. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participantes S.A., 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/wdueec7y>.

CARRARA, Sergio *et al.* **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação Sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. (Caderno de atividades). Disponível em: <https://tinyurl.com/5fa946xa>.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/yy3kh8e3>.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/3avyntm>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/h8zfcntz>.

LIRA, Andreia; JOFILI, Zélia. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes?. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 22-41, abr. 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/p85ejdxt>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: <https://tinyurl.com/yz2dm5fj>.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; GOELLNER, Silvana Vilodre; SOUZA, Jane Felipe de. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/83hv4wek>.

🟡 Contatos úteis

Central de atendimento à Mulher em Situação de Violência - **Ligue 180**

<https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-e-buscar-ajuda-a-vitimas-de-violencia-contra-mulheres>

Centro de Referência para Promoção da Cidadania LGBT “Raimundo Pereira” (CRLGBT) em Teresina-PI

<http://www.sasc.pi.gov.br/glbtt.php>

Direitos Humanos – Disque 100 - ligação gratuita 24 horas.

www.disque100.gov.br

Disque 188 - Centro de Valorização da Vida (CVV) - apoio emocional e prevenção do suicídio

<https://www.cvv.org.br/>



Música: De Toda Cor
Autoria: Renato Luciano
Álbum: De Toda Cor

Letra:

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou
Eu sou amarelo-claro
Sou meio errado pra lhe dar com o amor
No mundo tem tantas cores
São tantos sabores
Me aceita como eu sou
Eu sou ciumento
Quente, friorento
Mudo de opinião
Você é a rosa certa
Bonita, esperta
Segura na minha mão

Citação "O Inexato" de Elisa Lucinda:

Que o mundo é sortido
Eu toda vida soube
Quantas vezes
Quanto diversos de mim
Em minha alma houve?
Árvore, tronco, maré, tufão, capim,
Madrugada, aurora, sol a pino e poente
Tudo carrega seus tons, seu carmim
O vício, o hábito, o monge
O que dentro de nós se esconde
O amor, o amor, o amor
A gente é que é pequeno
E a estrelinha é que é grande
Só que ela tá bem longe
Sei quase nada, meu Senhor
Só que sou pétala, espinho, flor
Só que sou fogo, cheiro, tato, plateia e ator
Água, terra, calma e fervor
Sou homem, mulher
Igual e diferente, de fato
Sou mamífero, sortido, sortido,
Mutante, colorido, surpreendente, medroso e estupefato
Sou ser humano
Sou o inexato